

## CRIANÇA-CORPO, CRIANÇA-MUNDO: ARTE E CORPO NA EDUCAÇÃO ESTÉTICA COM CRIANÇAS

**MAUREEN SILVEIRA MANTOVANI DE CASTILHO<sup>1</sup>**  
**MIRELA RIBEIRO MEIRA**<sup>2</sup>

### 1- INTRODUÇÃO

Este artigo refere-se a uma pesquisa em andamento junto ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais/PPGAV-Mestrado, da Universidade Federal de Pelotas, UFPel, inserida no campo da Educação Estética. Problematiza o lugar do corpo nos processos pedagógicos metodológicos em artes capazes de localizá-lo contemporaneamente no contexto de ensino de artes em um Espaço não formal de uma escola desta natureza, localizada em Pelotas, RS. Investiga que natureza e qualidade estes processos em Arte-Educação necessitam ser desenvolvidos para que as aulas de Artes sejam espaços de conhecimento integral, ou seja, que unam as dimensões sensíveis e inteligíveis (DUARTE Jr., 2001; 2010) no processo educativo. Entre seus objetivos está o de qualificar a sensibilidade como forma de conhecimento através da experiência estética com criança em processos artísticos, no brincar, nas relações com o outro, o símbolo, o espaço e a cultura. Almeja-se encontrar, nas atividades de Artes e suas linguagens (Teatro, Dança, Música e Artes Visuais) um lugar para o corpo, de modo que a criança possa vivê-lo, experimentá-lo nas suas mais variadas possibilidades, descobri-lo nas interação que realiza no mundo.

Entre os teóricos escolhidos para o estudo está o filósofo Merleau-Ponty (1994), que assinala que nenhum lugar pode permitir sermos nós mesmos a não ser nossos próprios corpos, e é nele e tão somente nele que podemos "residir" de forma integral, "sendo quem somos" No entanto, sabemos muito pouco de nós mesmos, desta nossa *morada* que, segundo ele, "não possuímos, mas "somos". Seu conhecimento envolve sempre um processo perceptivo e cognitivo:

A teoria do esquema corporal é implicitamente uma teoria da percepção. Nós reaprendemos a sentir nosso corpo, reencontramos, sob o saber objetivo e distante do corpo, este outro saber que temos dele porque ele está sempre conosco e porque nós somos corpo. (MERLEAU-PONTY, 1994, P. 278)

Desconhecemos, portanto, nosso corpo por vivermos superficialmente, voltados a fatores exteriores a ele. Este "instrumento musical", todavia, não é um *instrumento* que carregamos na bagagem para tocá-lo conforme nossas

---

<sup>1</sup> Discente do Mestrado Em Artes Visuais, do Programa de Pós-Graduação, PPGAV. Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, UFPel, E-mail: [maureenmantovani@hotmail.com](mailto:maureenmantovani@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora. Mestrado em Artes Visuais, do Programa de Pós-Graduação, PPGAV e Faculdade de Educação, FaE. Universidade Federal de Pelotas/UFPel. E-mail: [mirelameira@gmail.com](mailto:mirelameira@gmail.com)

necessidades, *mas somos nosso próprio instrumento, desafinado* devido às sujeições que a vida moderna lhe impôs. Assim, este teórico sugere que os afinemos imersos mesmo nele e no que nos rodeia: "[...] será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo" (MERLEAU-PONTY, 1994, P. 278). Todavia, neste processo, necessitamos pensá-lo *por inteiro*, razão e emoção, portanto, não podemos deixar de fora o refinamento de nossos sentidos, o que pode se dar a partir de uma Educação do Sensível, como sugere Duarte Jr. (2010, p. 20) ao postular que "[...] o que se pretende é tornar evidente o quanto o mundo hoje desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação, regredindo-os a níveis toscos e grosseiros", encobrindo este fato com um "[...] *modernoso* verniz de consumo e moda que os recobre". Os processos pedagógicos de uma Educação Estética, porém, exigem mais do que apenas identificar o nível de regressão sensível a que estamos submetidos, mas que possamos *agir* sobre eles, *transformá-los*, refinando nossos sentidos e nossa percepção, o que deveria ser feito "no reino da sensibilidade simbólica regido pela arte" (Idem, *ibidem*, p.29). O que este autor parece reiterar é a urgência de investirmos em uma educação do sensível para que nossas práticas educativas abram espaço para que os educandos, e nós mesmos, possamos descobrir cores, formas, sabores, texturas, movimentos, vivenciando com nossos corpos as mais diversas experiências.

Com base nestas reflexões e em minha experiência prática como professora de arte atuando em diferentes escolas da rede pública, privada e em Organizações Não Governamentais (ONGs) ao longo de mais de uma década nas cidades de Florianópolis, SC, São Paulo e São José do Rio Preto, SP e Pelotas, RS, minhas observações encaminharam meu olhar para a preocupação com o lugar do corpo nos processos artístico-pedagógicos, desafiando-me a investigar, a partir desta pesquisa, que propostas metodológicas para o ensino de artes privilegiam a interação e o desenvolvimento corporal e dos sentidos.

Após estas breves considerações, algumas questões se tornam visíveis, tais como: se a escola ainda não é um lugar de aprendizagens múltiplas e corporais e se ainda o sistema de ensino parece estar ultrapassado, de que modo as aulas de artes podem transgredir estes padrões, apresentando aos alunos possibilidades de encontro com seus corpos? Qual o papel do ensino de arte no processo de conhecimento sensível e corporal? Que processos pedagógicos, metodológicos e reflexivos em arte alcançam o desejo de propiciar aos alunos experiências corporais das mais diversas? Como e o que cerca cada linguagem da arte na provocação de novas relações, no estabelecimento de outros encontros da 'criança-corpo, criança-mundo'? Como trabalhar suas linguagens integradas, de modo que este hibridismo contribua com a percepção e construção do corpo como 'o lugar de SER EU' ?

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa aqui descrita é qualitativa, do tipo *pesquisa-ação* (THIOLLENT, 2010), aquela que necessariamente inscreve o pesquisador na realidade. É tratada desde a ótica de Renée Barbier que a define "[...] em sua relação com a complexidade da vida humana, tomada em sua totalidade dinâmica" (2002, p.17-8). O trabalho de campo será realizado em uma Escola de Artes não formal para crianças, pertencente à rede privada de ensino, designada de Arteiros, localizada

na cidade de Pelotas. Serão investigados processos artístico-pedagógicos-corporais, éticos e estéticos de professores e alunos de duas turmas de cerca de dez crianças com idades entre três e oito anos que participam das oficinas de Artes Visuais, Teatro, Musicalização, Dança e Educação Ambiental, durante duas horas de duração de encontros semanais pelo tempo médio de dez meses, durante o ano de 2014.

Os instrumentos eleitos para a investigação, cujo procedimento iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, consta da observação participante das práticas realizadas em cada linguagem artística na ação pedagógico-corporal, ética e estética de cada professor. Uma das categoria de pesquisa será trabalhada na perspectiva do sociólogo francês Michel Maffesoli (1998) de uma "razão sensível" e do paradigma ético-estético.

Vislumbro "testar" as *performances* do corpo em um ambiente especialmente construído para a investigação da integralidade entre o sentir, o pensar, o agir e o reflexionar que se deseja. Conto ainda com outros instrumentos como um Diário de Campo, o registro imagético das atividades com as crianças, depoimentos e entrevistas realizados com crianças e professores pertencentes à escola ARTEIROS. Espera-se desta pesquisa investigar a validade e viabilidade do trabalho desenvolvido neste espaço de ensino, bem como avaliar as contribuições do Ensino das Artes para o processo de Educação Sensível e corporal.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como ainda está em termos de proposta, e o trabalho de campo ainda não foi iniciado, esta pesquisa volta-se para as indagações que permeiam a articulação entre corpo-criança-arte, buscando, através de sua relação com o campo ético-estético, possibilitar uma Educação Estética que privilegie a formação de cidadãos mais sensíveis. Como uma pesquisa que está ainda em potência, não posso apontar respostas, e seria prematuro sugerir caminhos, portanto, posso apenas compartilhar inquietudes que me movem a continuar a questionar não no intuito de encontrar certezas, mas de desacomodar, duvidar, deflagrar outras oportunidades, lançar novos olhares, possibilitar outros horizontes, criadores. Esta é a proposta que acredito ser a das artes na educação.

O que parece válido compartilhar é o nascimento da intenção de pesquisar este tema, brotado da observação de algumas ações que se deram na escola em questão, onde sou parte do corpo docente e gestor. Percebi através da observação direta e da *escuta sensível* (BARBIER, 2002), na trajetória de nossos alguns alunos, mudanças significativas expressas em comportamentos em um curto espaço de tempo. Crianças com alto padrão de agressividade, tidas como *problemáticas*, desenvolveram relações de afetividade com os colegas e com as professoras, passando de gestos de agressão física à gestos de demonstração de afeto. Estas mudanças são observadas também no âmbito da linguagem oral e percebidas nas brincadeiras, nos desenhos, nos movimentos corporais. A partir daí passei e me questionar qual o papel das Artes nesta transformação, porque, aparentemente, identifiquei uma ampliação de repertório tanto artístico, quanto sensível, nos sentidos e no corpo, transformação esta visível também nos profissionais que atuam na escola e na relação entabulada com os pais e responsáveis que frequentam a escola para trazer e buscar os alunos.

#### 4. CONCLUSÕES

Este trabalho, ainda em processo, vem apresentando possibilidades para o estudo de um Ensino de Artes para além das especificidades das linguagens artísticas, linguagens estas trabalhadas de forma integrada, operando na (trans)formação de um indivíduo integral. Coloca em pauta, além dos elementos já mencionados, a afetividade, a sensibilidade e a corporeidade, processos pedagógicos ainda pouco discutidos na escola e nas agências formadoras, e que necessitam, por isto mesmo, de uma exploração urgente, dada a sua riqueza.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBIER, R. **A pesquisa-Ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.
- BERTAZZO, I. **Corpo Vivo: Reeducação do Movimento**. São Paulo: SESCSP.
- DUARTE JR, J. F. **O Sentido dos Sentidos**. Curitiba: Criar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A Montanha e o Videogame**. São Paulo: Papyrus, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Por que arte-educação?** São Paulo, Papyrus, 1983.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARTINS, M. C. F. D. **Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- MEIRA, M. **Filosofia da Criação**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Arte, Educação e Afeto**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994
- \_\_\_\_\_. **Merleau-Ponty na Sorbone: Resumo de Cursos (1949/1952)**. Campinas/SP: Papyrus, 1990.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2010.